

CAMPO DÊITICO DIGITAL NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DO TEXTO

Mônica Magalhães Cavalcante*

 <https://orcid.org/0000-0002-5561-3993>

Mariza Angélica Paiva Brito**

 <https://orcid.org/0000-0001-5375-5480>

Mayara Arruda Martins***

 <https://orcid.org/0000-0001-5673-0780>

Como citar este artigo: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; MARTINS, M. A. Campo dêitico digital na construção de sentidos do texto. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 1-13, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETD017145>

Submissão: 25 de maio de 2024. **Aceite:** 10 de junho de 2024.

Resumo: Este artigo tem como objetivo explorar o universo da dêixis e da criação de campos dêiticos, incluindo o campo dêitico digital. Inspirado nas reflexões iniciadas por Martins (2024) em sua tese de doutorado, examinamos como a dêixis se manifesta por meio de sistemas semióticos além do verbal, como o imagético, o gestual e o sonoro, nos textos em ambiente digital, e como isso afeta a coconstrução de sentidos. Pretendemos ampliar essa discussão teórica para contemplar outros modos de construir sentidos em ambientes digitais e refletir sobre os efeitos das perspectivas sociais, discursivas e tecnológicas na linguística textual brasileira. Adotamos a noção de campo dêitico de Hanks (2008), que

* Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil. *E-mail:* monicamc02@gmail.com

** Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Redenção, CE, Brasil. *E-mail:* marizabrito02@gmail.com

*** Unilab, Redenção, CE, Brasil. *E-mail:* contato@mayaramartins.me

combina as propostas de Bühler (1934) e Bourdieu (2019), e assumimos que os campos dêiticos são construídos a partir de múltiplos papéis sociais que os agentes assumem nas interações. Considerando a perspectiva interdisciplinar, relacionamos a noção de campo dêitico à antropologia, à sociologia e à teoria da comunicação, buscando compreender como os agentes humanos e não humanos se revestem de identidades e papéis sociais nos textos. Isso nos permite analisar como os valores socioculturais emergem na interação e se imbricam nos recursos tecnodiscursivos (Paveau, 2017), considerando os aspectos tecno-lógicos que são essenciais para a produção, reprodução, disseminação e construção de sentidos nos tecnotextos. Selecionamos duas postagens da rede social Instagram para analisar o campo dêitico digital, cujos resultados apontam para a complexidade e a multiplicidade de sentidos das interações digitais, que se valem de recursos variados e gestos tecnolinguageiros próprios do ambiente, o que revela o caráter dinâmico e fluido dessas interações.

Palavras-chave: Dêixis. Campo dêitico digital. Enunciação. Tecnotextos. Interações digitais.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

■ **N**este texto, aceitamos o desafio que nos lança o universo da dêixis e da criação de campos dêiticos, incluindo o campo dêitico digital (Martins, 2024). Continuando as reflexões iniciadas por Martins (2024), em sua tese de doutorado, ao considerarmos a manifestação da dêixis por meio de sistemas semióticos além do verbal, como o imagético, o gestual e o sonoro, e os modos de interagir, referenciar e posicionar-se próprios dos textos em ambiente digital, objetivamos demonstrar de que modo a criação de campos dêiticos digitais em tecnotextos afeta diretamente a coconstrução de sentidos.

Consideramos instigante expandir a discussão teórica feita nessa tese de doutorado a fim de contemplar outros modos de coconstruir sentidos em ambiente digital, marcar essas relações *eu-tu* nas digitalidades e refletir sobre os impactos que a junção de perspectivas teóricas de cunho social, discursivo e tecnológico geram às análises e aos critérios da linguística textual brasileira. Tomaremos, em suma, por campo dêitico digital as interações que se definem a partir de um ponto de origem (*origo*) do locutor-enunciador principal instaurado por meio de ferramentas tecnológicas próprias dos ecossistemas digitais. Este, à medida que se coloca como locutor, instaura o interlocutor, podendo orquestrar, no texto, outros campos dêiticos digitais inseridos na cena enunciativa primeira.

A seguir, após a discussão teórica de fundamentos do campo dêitico nos quais nos baseamos para pleitear a noção de campo dêitico digital, selecionamos dois exemplos da rede social Instagram para demonstrar de que modos o campo dêitico se alarga ao agregar recursos próprios do ambiente digital, o que possibilita novas formas de construir sentidos em textos.

BASES FUNDAMENTAIS DO CAMPO DÊITICO

Assumimos a noção de campo dêitico presente em Hanks (2008), que a concebe a partir da articulação entre as propostas pioneiras de Bühler (1934) e

Bourdieu (2019). Essas propostas, mesmo advindas de diferentes áreas do conhecimento, relacionam-se no que tange à noção de campo (mostrativo, simbólico e social).

Os estudos de Bühler (1934) acerca do campo consistem em uma divisão da linguagem em duas faces: uma que lida com o que o autor denominou *campo dêitico* e outra que o autor denominou *campo simbólico*, cujos protótipos são representados, respectivamente, pelas palavras dêiticas e pelas palavras nomeadoras.

O campo dêitico da linguagem tem caráter mostrativo e, portanto, funciona como um guia para os interlocutores em determinada situação, os quais se valem das palavras dêiticas para apontar para os referentes na cena enunciativa.

Bühler alargou o caráter mostrativo e, possivelmente por ser psicólogo, investiu também em outras manifestações multissemióticas para a instauração do próprio eu e dos aspectos temporais e espaciais derivados dele no texto, considerando o ponto de origem do locutor, o contexto que se cria e os meios de apontar para referentes e marcar a si próprio e o outro.

Distanciamos-nos da perspectiva do autor em relação a alguns pontos da teoria, como o da perspectiva mais individualizante de sua *Teoria da Linguagem* (o eu, o sujeito, como centro) e o da demonstração de objetos que fazem referência ao mundo real, em um campo, de fato, mais mostrativo, *in loco*. Nesse sentido, o alargamento dos apontamentos dêiticos por meio de sistemas semióticos diferentes do verbal no campo mostrativo é de fundamental importância, isso se, em linguística textual, contemplarmos todo o acontecimento do texto, de modo único e irrepetível (Cavalcante *et al.*, 2019). No acontecimento textual, também se consideram o jogo dos referentes como objetos de discurso conectados em rede (Matos, 2018) e as encenações que os interlocutores simulam a cada vez (Martins, 2019), agregando ao texto o caráter social e discursivo que a ele se imbrica, em oposição ao recorte situacional mais estrito, cujas coordenadas se arranjam a partir do *eu* empírico.

O outro campo da linguagem postulado por Bühler (1934) é o simbólico, que se caracteriza pelo traço mais convencional, próprio do caráter representacional da linguagem, daí por que se liga tão bem ao fenômeno da referenciação (não apenas à referenciação dêitica) e às possibilidades que ela traz de representar negociações dos objetos de discurso para a coconstrução de sentido. O caráter representacional, tão caro ao campo simbólico, diz respeito às significações.

Ao relacionarmos esses dois campos, notamos que o campo simbólico, mais convencional e referente às significações denotativas, tem uma precisão mais estabilizada em relação à negociação dos falantes de determinada língua, ao passo que o campo dêitico, por se estabelecer na situação imediata, atualiza-se momento a momento, possuindo, assim, um caráter de maior instabilidade, motivo pelo qual pressupõe, necessariamente, atualizações contextuais e, muitas vezes, monitoramento da interação.

Em relação ao monitoramento da situação comunicativa para a construção de sentidos, convém convocar os *usos dêiticos* de que fala Levinson (1983, p. 78 - 79):

Além de usos dêiticos versus não dêiticos de expressões dêiticas, precisamos distinguir diferentes tipos de uso dêitico. Seguindo Fillmore (1971), vamos primeiro distinguir dois tipos de uso dêitico: o uso gestual e o uso simbólico. Os termos usados de um modo dêitico gestual só podem ser interpretados com refe-

rência a um monitoramento áudio-visual-tátil, e em geral físico, do evento de fala. [...] Poderiam também ser os pronomes pessoais de terceira pessoa empregados com alguma indicação física do referente (por exemplo, direção do olhar), como em: (24) *He's not the Duke, he is. He's the butler. Normalmente, há poucas palavras em uma língua que só podem ser usadas gestualmente: por exemplo existem os apresentativos como o francês voici. Em contraste, os usos simbólicos dos termos dêiticos requerem, para sua interpretação, apenas o conhecimento (em particular) dos parâmetros espaçotemporais do evento de fala (mas também, na ocasião, os papéis dos participantes e os parâmetros discursivos e sociais). Por isso é suficiente saber a localização geral dos participantes para interpretar. [...] Poderíamos formular a distinção assim: os usos gestuais exigem um monitoramento físico momento a momento do evento de fala para sua interpretação; enquanto os usos simbólicos fazem referência apenas às coordenadas contextuais utilizáveis antecedentes ao enunciado.*

Se considerarmos o acontecimento textual em interação, diremos que nem mesmo as estruturas denotativas da língua, tampouco as identidades e os papéis estratificados na sociedade e na cultura são preestabelecidos, pois não existem aprioristicamente. Pelo contrário, defendemos, com Cavalcante, Brito e Martins (2024), que os sentidos sempre serão estabelecidos *no texto*, ainda que, para isso, convoquem elementos pré-discursivos (Paveau, 2013) e evoquem outros conhecimentos compartilhados. Desse modo, para coconstruir sentidos, os interlocutores negociam referentes, sempre sofrendo desestabilizações, mesmo que mais estabilizados, como ocorre nas estruturas que envolvem o campo simbólico, ou mais fluidos e adaptáveis, como no campo dêitico. Buscamos alargar a visão de campo que concebe aspectos mais individualistas e totalmente determinados pela situação comunicativa estrita, a fim de voltarmos nossas reflexões para uma perspectiva mais antropológico-textual de campo, que se vale de interface com aspectos sociológicos e discursivos em uma interdisciplinaridade focalizada (Charaudeau, 2013).

CAMPO DÊITICO COMO PROPOSTA INTERDISCIPLINAR

Numa perspectiva sociológica, Bourdieu (2019) entende por campo o local no qual as interações – logo, os textos – acontecem, requerendo que os indivíduos se associem a certas identidades, com base nas quais desempenham papéis sociais.

Percebe-se uma ruptura em relação à visão de campo anterior, visto que, enquanto Bühler (1934) ancora sua noção de campo dêitico em fatores mais situacionais e mostrativos, do ponto de vista da manifestação *in loco* da formação desse campo, Bourdieu (2019) permite relacionar a noção de *campo* à ampliação do conceito a posicionamentos sociais, culturais e discursivos, por analisar a assunção de múltiplos papéis relacionados ao funcionamento de instituições sociais que subjazem aos textos.

Considerando o *campo social* de Bourdieu e trazendo para os estudos em linguística textual, diremos que o agente que se reveste dos papéis e das identidades funciona, dentro das interações, não apenas como locutor, isto é, aquele que assume o *eu*, mas também – e principalmente, na verdade – como enunciatador (Rabatel, 2016), aquele que assume determinados posicionamentos e cumpre

funções nessa estrutura social na qual se desenvolvem as atividades humanas e linguageiras, além das relações que acontecem entre esses campos sociais da linguagem. Sob esse ponto de vista, não importa apenas observar, assim, o sujeito como locutor, mas também considerá-lo dentro do contexto social mais amplo em que ele está inserido, contemplando as posições que ocupa e como elas se relacionam aos demais indivíduos, e os papéis e as identidades sociais que emergem nos diferentes contextos.

Essas identidades e papéis sociais não são atrelados ao sujeito empírico que os desempenha em determinada interação social, uma vez que, de acordo com Bourdieu (2019), os campos não são fixos, o que permite que inúmeras representações sejam assumidas pelo mesmo indivíduo em campos sociais múltiplos. De acordo com Martins (2024, p. 72, grifos da autora):

Esses papéis, portanto, são sempre atualizados no texto, no eu-aqui-agora da situação, do enunciado, que acontece. Esses sujeitos, para interagir, referenciar, argumentar e agir no mundo, se revestem dessas identidades e papéis dentro das práticas textuais (que contemplam perspectivas também interacionais, genéricas, enunciativas, sociais e discursivas). Por outro lado, ao mesmo tempo que acontecem (por textos nas interações), as práticas sociais são relativamente previsíveis, têm um certo padrão de gênero e se relacionam a funções de atores sociais dominantes e esperados nas situações. Os textos, as interações práticas, os gêneros e tudo o mais que estiver envolvido nesse processo e que acontecer por meio dos textos terá, simultaneamente, este caráter dual: entre a previsão e a instabilidade do acontecimento, entre a recorrência e a particularidade do texto.

Em relação ao aspecto interdisciplinar dos estudos textuais, tem-se o arcabouço discursivo da proposta do circuito comunicativo de Charaudeau (2019), elaborada sem o propósito de abarcar uma perspectiva ecológica dos discursos e os pressupostos da tecnodiscursividade de Paveau (2017). Isso não impede, no entanto, que essa noção seja aplicada às análises de tecnotextos, seguindo a problematização presente em Martins (2024, p. 137) acerca da

[...] participação de locutores, interlocutores diretos e terceiros como agentes que assumem identidades discursivas digitais, não importa que sejam humanos ou máquinas, dentro do hibridismo do tecnodiscurso e da simbiose humano-máquina.

As ações sociais e individuais, humanas ou não humanas, se repetem com base em contextos sociais, o que acaba por interferir naquilo que deve ser feito e nos comportamentos que regem as interações sociais (Goffman, 2013). Tomando por base o que diz Hanks (2008), o que será feito, de fato, está relacionado à *emergência*, vinculado à *incorporação* dos aspectos contextuais do campo déitico em que aquela interação se insere. É nisso que consiste a noção proposta por Hanks (2008), que coaduna as propostas de Bühler e Bourdieu, isto é, os campos mostrativo e simbólico e os papéis sociais que os agentes assumem nos campos sociais. Nessa iniciativa, Hanks (2008) se vale do conceito de *cenário* para focalizar a encenação do ato de linguagem, baseando-se, para isso, em Goffman (2013). O propósito de Hanks, em suma, é redimensionar a relação entre aspectos linguísticos e contexto, atentando para as práticas sociais, como aspectos inseparáveis da linguagem.

O campo dêítico de Hanks (2008) possibilita a articulação interdisciplinar que fazemos, uma vez que concebemos a dêixis como

[...] fenômeno que permite englobar os recursos de ostensividade e de mostração, de intersubjetividade e de instauração da origo, mas sempre ancorados no contexto social do qual tais recursos emergem, eivados dos valores e das crenças que estão incorporados neles (Martins, 2024, p. 75).

Refletimos sobre essa noção de dêixis e de campo dêítico a fim de aplicá-la ao contexto digital, como propõe Martins (2024) ao considerar os aspectos *tecnológico*¹ indispensáveis para a produção, reprodução, disseminação e construção de sentidos dos textos nativos digitais.

O CAMPO DÊITICO DIGITAL E A VIRADA TECNODISCURSIVA NOS ESTUDOS TEXTUAIS

Nesta seção, conceituamos e discutimos a noção de campo dêítico digital (Martins, 2024), demonstrando o funcionamento dos campos dêíticos na imbricação dos gestos linguageiros que caracterizam a tecnodiscursividade. A autora se baseia em Hanks (2008) e atribui à noção as peculiaridades próprias dos ecossistemas digitais e da interação humano-máquina, considerando todo o funcionamento dos *tecnotextos* no ambiente (Émérit, 2017). Embora considere a proposta ampliada de dêixis e de campo dêítico aplicada a quaisquer textos, Martins (2024, p. 46) opta por chamar de *tecnotextos* os textos do contexto digital, destacando as funcionalidades que são produzidas no ambiente digital e possibilitadas por ele, particularizando os *tecnotextos* e assim os caracterizando:

- a) são produzidos dentro do ambiente digital e necessitam, portanto, do funcionamento on-line para sua produção e/ou recepção e/ou co-construção de sentidos;*
- b) apresentam, ou se relacionam a eles, os traços do tecnodiscurso de Paveau (2017), a saber: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investibilidade e imprevisibilidade;*
- c) possuem e dependem de recursos e fenômenos próprios do ambiente digital, como a hiperlinkagem;*
- d) agregam a si recursos que, embora empregados fora do ambiente digital, só têm totalidade de funcionamento dentro do ambiente em que foram produzidos, como é o caso do @ e da #, que, por gerarem links e fazerem remissão aos participantes ou às temáticas a que se relacionam, por exemplo, perdem funcionalidade fora do ambiente digital. Um exemplo amplamente compartilhado foi a #vaidarcerto em estabelecimentos comerciais durante a pandemia por Covid-19. Ainda que houvesse uma alusão ao ambiente digital ou pretendesse gerar um efeito de sentido de acolhimento, engajamento e esperança em meio àquelas circunstâncias, perdia a funcionalidade de linkagem e agrupamento ou redocumentação de textos, quando utilizada em meio físico (até mesmo em “digitais”*

¹ Utilizamos essa grafia tendo por base o que argumenta Martins (2024, p. 38, grifos da autora): “optamos por grafar **tecnológico** em nossa proposta para demonstrar de que modo a tecnologia e a lógica próprias das tecnologias da informação se fazem presentes nos textos nativos digitais que analisamos, sobretudo aqueles que acontecem em contexto digital e visam à **relação simbiótica entre humanos e máquinas**, que, muitas vezes, se valem de recursos como algoritmos e outros modos de inteligência de máquinas. A tecnologia, em sentido lato, está presente nas sociedades e se modifica nos textos que compõem as diversas interações, desde aquelas mais primitivas àquelas mais complexas. A grafia ‘tecnológico’ faz uma qualificação relativa ao termo tecnologia, uma vez que esta se relaciona a algo mais instrumental e basilar que acompanha toda a evolução dos seres humanos como aqueles que (criam e) usam instrumentos, métodos e procedimentos para otimizar as atividades da esfera humana [...]”.

fora do ambiente de origem, como as capturas de tela), pois esses recursos são próprios dos textos digitais nativos on-line;
e) necessitam da união simbiótica entre ações humanas e ações máqunicas, seja por meio de gestos tecnolinguageiros, seja por meio de rastros algorítmicos.

Quando se trata de tecnotextos, convém, portanto, considerar os modos de interagir e enunciar dentro do próprio ambiente, pois há ferramentas para instaurar a relação *eu-tu* que tanto são possibilitadas pelos recursos do ecossistema quanto são acessadas apenas por eles. Assim, as adaptações espaçotemporais também surgem, o que nos leva a aderir ao conceito que contempla o conjunto de coordenadas dêiticas nas digitalidades, tendo o campo dêitico digital a seguinte definição:

“Espaço” criado a partir de um centro de coordenadas fundamentais, cujo centro é o locutor como origo da cena enunciativa, por meio de recursos próprios aos ecossistemas digitais, que geram novos modos de interagir, de referenciar e de argumentar, uma vez que, nesse contexto digital, deve-se considerar tudo aquilo que é incorporado no processo de criação do sistema de coordenadas eu-aquí- agora por meio de recursos digitais e tecno-lógicos não previstos no contexto pré-digital e não contemplados nas outras investigações acerca do contexto e do campo dêitico, fazendo com que locutores e interlocutores partilhem do mesmo “espaço-tempo” nas digitalidades (Martins, 2024, p. 144, glossário).

Unido à noção de *campo dêitico digital*, surge o conceito de *camadas enunciativas* (Martins, 2024), que consiste em múltiplas interações que se sobrepõem e que não necessariamente coocorrem em ambiente digital. Pensemos, por exemplo, em narrativas que apresentam diálogos entre personagens, nas quais há, além desses, a interação que se dá entre o locutor-enunciador primeiro e o interlocutor projetado. Ao propor o redimensionamento das noções de dêixis e de campo dêitico e a criação dos conceitos de campo dêitico digital e camadas enunciativas, Martins (2024) formaliza o que a literatura sobre o assunto não abordou no que tange a reflexões e análises que contemplem os usos de língua e de linguagem no ambiente digital.

Se, para Hanks, a concepção de campo dêitico não pode ser a mesma de campos sociológicos, nem pode ser apreendido pela mera descrição de formas linguísticas, o que leva o autor a postular a definição de campo dêitico, para Martins (2024) fez-se necessário postular um conceito de campo dêitico que fosse tão específico quanto o são as peculiaridades próprias aos ecossistemas digitais.

Isso se deve ao fato de os *campos* presentes nas demais propostas, dentre eles o dêitico, terem sido pensados e analisados fora do contexto digital, sendo necessário analisar esses deslocamentos teórico-metodológicos de análise do texto no contexto digital, numa *tecnotextualidade* (Martins, 2024), uma vez que Paveau (2017), ao trazer à tona os estudos do tecnodiscurso, sobressai por propor metodologias que podem servir de base para as análises dos textos nativos digitais, os tecnotextos, e por nos proporcionar a reflexão sobre o modo como esses textos podem acontecer – e se disseminar – em contexto digital.

O campo dêitico, portanto, é observado dentro do contexto digital, criando novos modos de configuração e agregando a esse campo *ego-hic-nunc* inúmeros recursos de linguagem referentes ao contexto, à enunciação e à situação sob uma perspectiva ampla, considerando os papéis sociais que os interlocutores assumem ao interagirem. O campo dêitico digital pode ser criado a partir de um

centro de coordenadas fundamentais, cujo centro é o locutor como *origo* da cena enunciativa, a partir de recursos digitais e tecno-lógicos que não haviam sido contemplados nas outras investigações, como o direcionamento do olhar e a menção por meio do elemento “@”. Em Martins (2024), encontramos um exemplo para elucidar tanto a noção de campo dêitico digital quanto a de camadas enunciativas, ao pensarmos em uma *live* em redes sociais, em que pessoas se unem em um mesmo espaço-tempo via tela, por exemplo, possibilitado pelas ferramentas digitais, fazendo com que compartilhem o acontecimento textual. Esse formato permite ainda que os interlocutores interajam por meio do *chat*, fazendo com que à primeira interação se sobreponha, simultaneamente ou não, a outra.

Martins (2024), ao postular o conceito de campo dêitico digital, abre caminhos para reflexões acerca das interações digitais e para a construção de sentidos em tecnotextos, o que demonstramos na seção a seguir.

CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TECNOTEXTOS – FERRAMENTAS ANALÍTICAS

Analisaremos o campo dêitico digital e seu funcionamento, levando em consideração as inter-relações entre os campos criados e as camadas enunciativas que surgem dentro deles, bem como as identidades que os interlocutores assumem durante as interações. O primeiro exemplo apresentado para ilustrar esse conceito pode ser replicado em outras situações semelhantes, uma vez que o texto tende a se repetir, mas é importante ressaltar que cada instância precisa ser analisada individualmente, pois o texto também é caracterizado pela sua singularidade.



Figura 1 – Postagem no Instagram do perfil @suricateseboso

Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6ZrTM6rM30/?igsh=MXc3aWptMXhsNzNxdQ==>. Acesso em: 13 maio 2024.

Observemos que o exemplo emprega diversas ferramentas, como linguagem verbal, imagética e tipográfica, incluindo o modo visual e o direcionamento do olhar como recursos semióticos. Podemos observar como esses elementos instauram os interlocutores no contexto enunciativo, adaptando-se a cada interação ou leitura com base nas coordenadas *ego-hic-nunc*. Isso evidencia como a dêixis se revela como um componente linguístico essencial em todo texto, seja ele digital ou não, criando um campo dêitico por meio de manifestações diversas que, por muito tempo, foram consideradas “não linguísticas” por não estarem diretamente ligadas à forma verbal. Esses modos e recursos são cruciais para a construção de sentidos, especialmente em textos na esfera da tecnodiscursividade.

Suricate Seboso é um personagem fictício criado pelo cartunista brasileiro Mauricio Ricardo, conhecido por suas tirinhas humorísticas veiculadas na internet, com um suricato antropomorfizado que protagoniza histórias cômicas e satíricas, frequentemente acompanhado por outros personagens igualmente caricaturais. As tirinhas geralmente exploram situações do cotidiano, críticas sociais ou paródias de eventos atuais, com um tom de humor ácido e irônico. No contexto do exemplo mencionado, Suricate Seboso é importante para ilustrar o ponto sobre o direcionamento do olhar como um recurso enunciativo, fazendo com que o personagem Suricate Seboso partilhe o mesmo campo com aquele que lê a postagem. Ele é um dos participantes da interação que ocorre na cena, demonstrando como o direcionamento do olhar dos personagens nas tirinhas pode envolver o leitor na narrativa e criar uma nova camada enunciativa. Embora haja recursos formais ou verbais, como a desinência de segunda pessoa “sorris” e o dêitico social “meu fi”, é possível observar um apelo direto ao interlocutor, uma vez que o engajamento do “tu” ocorre também pelo direcionamento do olhar do participante da interação inicial, no caso o Suricate Seboso.

Essa estratégia promove o envolvimento do interlocutor na cena enunciativa, convidando-o a participar, por exemplo, sorrindo diante da perspectiva de um feriado amanhã. O “amanhã” é um elemento dêitico, ou seja, sua interpretação vai depender do contexto temporal em que está inserido, que, por sua vez, segundo Martins (2019), apresenta um teor de circularidade, podendo se atualizar a cada interação ou nova leitura. Em tecnotextos como esse, diferentemente do que acontece com alguns textos fora do ambiente digital, algumas pistas marcam o *eu-aqui-agora*, como é o caso da data (30 de abril), que aparece como recurso do próprio ecossistema, fazendo menção ao feriado do Dia do Trabalho (1º de maio), o “amanhã” em relação à *origo* da postagem.

Nesse exemplo, uma postagem do *feed* do perfil do Instagram @grupoprotex-to, destacamos um outro recurso que demonstra a necessidade de remodelar a dêixis em tecnotextos: o uso de @.

De acordo com Martins (2023), “a menção pela forma @ nas redes sociais revela o modo de criação de um campo dêitico digital e pode revelar identidades associadas ao uso desse elemento”. Nessa postagem, a encenação da situação comunicativa é assumida pela assunção da identidade “Grupo Protex-to” por trás do perfil, pouco importando o indivíduo humano e o sujeito empírico por trás da publicação. Na legenda da postagem, há, ainda, o engajamento de um interlocutor direto, o perfil @editoraparabola, que, embora não apareça na postagem por meio de um vocativo, como costuma acontecer com os dêiticos pessoais e sociais, é convocado a participar da cena, o que gera um forte teor dêitico, pois, segundo Martins (2023), a menção feita por meio de @ é fortemente dêitica pelo fato de convocar o interlocutor diretamente à participação.



Figura 2 – Postagem no Instagram do perfil @grupoprotexto

Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7e52eyvY2t/?igsh=MTlyMHcxdHZtZHNseQ==>. Acesso em: 1º jun. 2024.

Em relação às identidades e aos papéis postos em cena, a interação *eu-tu* se dá entre indivíduos humanos que assumem identidades institucionais que compartilham sentidos, memórias e relações variadas que se revelam na postagem e nos comentários da postagem. A análise desse exemplo se deve, principalmente, ao modo como os interlocutores, que estão em um espaço-tempo (campo dêitico) distinto do outro, ocupam um mesmo espaço virtual/digital e, nele, incorporam ainda outros indivíduos, que podem se revelar nos comentários, por exemplo. Desse modo, a partir de um novo centro de coordenadas possibilitadas apenas pelos recursos tecnodiscursivos, a interação se efetiva. Por isso, reafirmamos com Martins (2024, p. 98) que “o campo dêitico digital amplia as coordenadas *ego-hic-nunc* na tecnotextualidade”. Pessoa, espaço e tempo são categorias que ganham novos matizes na interação por meio de textos e servem, para, além de revelar uma identidade, também demonstrar credibilidade para os seguidores diretos ou interlocutores indiretos do perfil. No caso da postagem, assim como acontece em outros perfis de empresas, instituições, grupos de pesquisa e afins, a identidade assumida é revelada, entre outros recursos, pelo próprio nome do perfil, o sinal gráfico @.

Em relação ao campo dêitico, Hanks (2008) amplia a interação *eu-tu* e considera os papéis sociais dos agentes, no entanto ainda o pensa em relação ao contexto de emergência do texto fora do contexto digital, associado à incorporação dos papéis, das crenças e dos valores sociais e culturais dos participantes no cenário. Ampliando ainda mais a noção de campo dêitico, consideramos as interações que se dão também no ambiente digital, como é o caso dos ecossistemas

digitais das redes sociais. Nessa interação específica, por exemplo, o campo dêitico expande o *eu-aqui- agora* em que se encontram os participantes e considera a interação entre as pessoas em um tempo e um lugar estabelecidos a partir do texto, único e irrepitível, que se constrói, a postagem no perfil, gerando o que temos chamado de “campo dêitico digital”, cujas coordenadas básicas de pessoa, tempo e espaço são reconfiguradas para criar um outro “contexto” no qual os agentes interagem na tecnodiscursividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões realizadas ao longo deste trabalho, é possível concluir que a investigação sobre o campo dêitico e, mais especificamente, sobre o campo dêitico digital revela-se crucial para a compreensão dos processos de construção de sentido em ambientes textuais, sobretudo no contexto digital. Ao desafiar as concepções tradicionais e ampliar o escopo teórico para incluir as interações mediadas por tecnologia, este estudo evidencia a complexidade e a fluidez das dinâmicas comunicativas contemporâneas.

Partindo das bases teóricas estabelecidas por autores como Bühler, Bourdieu e Hanks, a análise empreendida busca não apenas compreender a manifestação da dêixis em diferentes contextos, mas também reconhecer as particularidades dos campos dêiticos digitais. Ao considerar os recursos próprios dos ecossistemas digitais, como a hiperlinkagem e os gestos tecnolinguageiros, torna-se possível perceber como as interações *on-line* reconfiguram as formas de interagir, referenciar e se posicionar por meio de textos.

Nesse sentido, a noção de campo dêitico digital amplia as fronteiras da linguística textual, incorporando aspectos sociológicos, discursivos e tecno-lógicos. Ao reconhecer que os atos linguageiros são sempre híbridos e situados em contextos específicos, este estudo contribui para uma compreensão mais abrangente das práticas textuais contemporâneas.

Por fim, ao destacar a sobreposição de diferentes camadas enunciativas e a coocorrência de campos dêiticos em um mesmo texto, esta pesquisa ressalta a complexidade e a multiplicidade de sentidos que permeiam as interações digitais. Ao reconhecer a centralidade do campo dêitico, seja ele digital ou não, nos estudos textuais e na construção de sentidos, abre-se espaço para uma abordagem mais dinâmica e contextualizada da linguagem, capaz de capturar a riqueza e a diversidade das práticas comunicativas em ambientes textuais.

DIGITAL DEICTIC FIELD IN TEXT MEANING CONSTRUCTION

Abstract: This article aims to explore the universe of deixis and the creation of deixis fields, including the digital deixis field. Inspired by the reflections initiated by Martins (2024) in his doctoral thesis, we examine how deixis manifests through semiotic systems beyond the verbal, such as imagery, gestural, and auditory, in texts in digital environments, and how this affects the co-construction of meanings. We intend to broaden this theoretical discussion to contemplate other ways of constructing meanings in digital environments and reflect on the effects of social, discursive, and technological perspectives on Brazilian textual linguistics. We adopt the notion of deixis field from Hanks (2008), which combines the

proposals of Bühler (1934) and Bourdieu (2019), and assume that deixis fields are constructed from multiple social roles that agents assume in interactions. Considering the interdisciplinary perspective, we relate the notion of deixis field to anthropology, sociology, and communication theory, seeking to understand how human and non-human agents assume identities and social roles in texts. This allows us to analyze how sociocultural values emerge in interaction and become intertwined with technodiscursive resources (Paveau, 2017), considering the techno-logical aspects that are essential for the production, reproduction, dissemination, and construction of meanings in techno-texts. We selected two posts from the social network Instagram to analyze the digital deixis field, whose results point to the complexity and multiplicity of meanings in digital interactions, which make use of varied resources and techno-linguistic gestures specific to the environment, revealing the dynamic and fluid nature of these interactions.

Keywords: Deixis. Digital deictic field. Enunciation. Tehcnotexts. Digital interactions.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Tradução Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2019 [1981].
- BÜHLER, K. *Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Jena: Fischer, 1934.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; MARTINS, M. A. O funcionamento pré-discursivo e as estratégias textuais. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 37, n. 01, p. 68-85, jan./mar. 2024. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/linha_dagua/article/view/213925/203262. Acesso em: 23 maio 2024.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 13, n. 25, p. 25-39, set. 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884/18764>. Acesso em: 25 maio 2024.
- CHARAUDEAU, P. Por uma interdisciplinaridade “focalizada” nas ciências humanas e sociais. In: MACHADO, I.; COURA-SOBRINHO, J.; MENDES, E. (org.). *A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem*. Belo Horizonte: Netii Fale, UFMG, 2013.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- ÊMÉRIT, L. La publication multisite: un objet linguistique qui interroge les notions de texte et de contexte dans les environnements numérique. *Essais*, v. 12, p. 173-190, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4000/essais.3026>.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 273 p.
- HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. In: BENTES, A. C.; RESENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (org.). São Paulo: Cortez, 2008.

- LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- MARTINS, M. A. *A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
- MARTINS, M. A. Redimensionando a noção de dêixis: o @ como recurso dêitico na tecnodiscursividade. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, e1897, 2023. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/download/1897/1388/7404>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- MARTINS, M. A. *Tecnotextualidade e campo dêitico digital: análise de aspectos interacionais e enunciativos*. 2024. 163 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, 2024.
- MATOS, J. G. *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas*. 2018. 259 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- PAVEAU, M.-A. *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição*. Tradução G. Costa, D. Massmann. Campinas: Pontes, 2013.
- PAVEAU, M.-A. *L'analyse du discours numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017.
- RABATEL, A. *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. Tradução Maria das Graças Soares Rodrigues, Luís Passeggi, João Gomes da Silva Neto; revisão técnica João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016. v. 2.